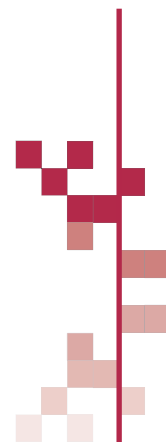


## Opinião



# Expressões da sociologia vienense: Marie Jahoda (perfil, militância, obra)<sup>1</sup>

Expressions of Viennese sociology: Marie Jahoda  
(academic profile, political activism, intellectual production)

Luiz Antonio de Castro Santos<sup>2</sup>  
lacs@ims.uerj.br

Em texto recente, de qualidade desigual, Anthony Giddens propõe que o templo dos nossos teóricos fundadores, de Comte e Durkheim a Weber e George Herbert Mead, deixe entrar uma figura feminina: trata-se de Harriet Martineau, nascida em 1802, na Inglaterra, e cuja contribuição Giddens procura sublinhar, por ter ela esboçado, pioneiramente, uma sociologia da vida privada (Giddens, 2001, p. 24-36). Sem dúvida, uma inserção generosa, uma homenagem de um autor inglês a uma personagem negligenciada das ciências sociais de seu próprio país. A Sociologia inglesa pauta-se de fato por grandes mulheres, entre as quais eu preferiria citar – diferentemente de Giddens – a figura de Beatrice Webb, nascida meio século depois de Martineau, em 1858. Beatrice foi socialista, uma militante de grande impacto na Sociologia Europeia, pesquisadora das instituições sindicais e governamentais inglesas. A Europa já era pequena para os movimentos sociais. Em pouco tempo também o seria para a ebulição das ideias sociológicas: no continente, no mesmo ano de nascimento de Beatrice, na Inglaterra, nascia, na França, Durkheim e, na Alemanha, Simmel. Não houve exclusividade de gênero, nas raízes europeias.

O presente texto procura sublinhar e discutir uma das mais destacadas trajetórias femininas no século seguinte. Quando Beatrice Webb, ainda atuante até os anos de 1930, redigia com seu companheiro Sidney Webb uma proposta de uma Constituição Socialista para a Inglaterra (isto em 1926), iniciava-se na Áustria a trajetória de uma cientista social exemplar, dedicada à Sociologia e à Psicologia social do trabalho e do desemprego, à luta contra os preconceitos e discriminações de toda sorte. Refiro-me à grande dama da Sociologia Europeia, a vienense Marie Jahoda, nascida em 1907 e falecida em 2001, cuja militância nos anos 30, junto aos socialistas revolucionários da Áustria, então sob um governo hegemonicamente nazista e antisemita, levou a jovem judia à prisão e ao exílio forçado, primeiramente em Londres e, mais tarde, em Nova York.

Minha geração, diplomada em Ciências Sociais entre 1965 e 1970, embebiada excessivamente em teorias, paradigmas e rupturas epistemológicas (alguém já falou em *duplas* rupturas), até certo ponto reservou a prática das pesquisas sociais empíricas a um segundo plano. Naturalmente, tínhamos conhecimento da neces-

<sup>1</sup> Texto apresentado ao XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, em 29 de julho de 2009, UFRJ, RJ. GT Teoria Sociológica, coordenado por José Luiz Bica de Melo, José Luiz Rattton e Márcio de Oliveira.  
<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do CNPq, Rua São Francisco Xavier, 524/ Bl. E, 7º andar, 20550-013, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

sidade de perscrutar os fundamentos empíricos da explicação sociológica, como sublinhava o Mestre Florestan Fernandes. Mas nossa atitude intelectual quase sempre seguia um padrão rígido: antes de tomarmos conhecimento de alguma pesquisa, de alguma publicação de *Sociologia Aplicada* – para usar um termo da época –, era necessário descobrirmos as credenciais teóricas dos autores. Tratava-se de um tipo de teste: uma vez conhecida a posição teórica, a pesquisa e seus resultados estavam previamente rejeitados e desqualificados, se a teoria não se afinasse com nossas próprias posições. Já narrei, em outra ocasião (Castro Santos, 2003), a reação desfavorável de um colega mais velho, nos idos de 1968, ou 69, à minha leitura de *Os parceiros do Rio Bonito*. “Mas o Antonio Candido é um funcionalista!”, advertia. Eu ainda não sabia que o aparato intelectual sensível e afeito à aventura da pesquisa, além da superior imaginação sociológica, afastam quaisquer limitações de ordem teórica que acompanham necessariamente toda démarche, mesmo a perspectiva histórico-sociológica que, na falta de melhor rótulo simplificador, eu aplicaria ao texto sem fronteiras de Antonio Candido.

Com o tempo, vim a compreender os erros espetaculares que resultam daquela posição preconcebida e adotei outra postura – creio que não fui o único: se eu tiver de adotar uma postura preconcebida, será a oposta à qual sempre adotamos. Hoje em dia, primeiramente quero saber se a pesquisa relatada em um texto – se a *conduta na investigação*, como diria Abraham Kaplan (1975) – se coaduna com os princípios, métodos, técnicas e processos de uma metodologia em ato. Uma pesquisa bem conduzida com base na pior das teorias – qualquer daquelas que minha geração aprendeu a rejeitar cedo demais – certamente terá mais a dizer que uma teoria vazia, descolada da realidade empírica ou costurada ao mundo empírico por uma investigação precária ou rudimentar.

Isso posto, gostaria de defender a escolha de Marie Jahoda como meu tema e personagem de discussão. Sua contribuição mais relevante não é à teoria sociológica. É certo que devemos a ela pelo menos uma trilha teórica importante no campo da Sociologia do trabalho. O professor Torregrosa Paris, em prefácio à edição espanhola de um dos últimos trabalhos de Jahoda (1982), acentua a relevância do *modelo de privação* (*the deprivation model*), por ela proposto para o estudo das consequências psicológicas do desemprego (Torregrosa Paris, 1987, p. 10). Sua obra de maior estatura, ainda que celebrada só recentemente, foi uma produção dos tempos de juventude na Áustria: *Marienthal: The sociography of an unemployed community*, título em inglês que resumia a expressão muito longa do original em alemão, publicado em junho de 1933, em Leipzig<sup>3</sup>. O grupo de pesquisa de Jahoda e Lazarsfeld, que estudou a pequenina Marienthal, abalada pelo fechamento, em 1930, da única fábrica têxtil à época, dedicou-se, por quase quatro meses, ao estudo e apreensão do cotidiano de desamparo das famílias. Na publicação original, os nomes dos três autores – Marie Jahoda, Paul Lazarsfeld (então

marido de Marie) e Hans Zeisel – apareciam apenas no interior da obra, não na capa. Era a concessão aos dirigentes nacional-socialistas da vizinha Alemanha, para os quais os nomes eram “demasiadamente judeus” (Muller, 2008, p. 2). Publicado em inglês em 1971, o estudo desde então se tornou um clássico e teve sucessivas edições.

A jovem Marie, além de participar da pesquisa, assumiu praticamente a responsabilidade pelo texto, após o término das entrevistas e da observação participante. A atenção às técnicas empregadas, a pesquisa cuidadosa (Muller, 2008) são tão relevantes quanto o próprio envolvimento pessoal de Jahoda e seus colegas, durante os tempos de crise na pequena localidade. Quando se falou de pesquisa-ação décadas depois como uma inovação, foi porque este estudo clássico permanecera meio esquecido em pequenas edições alemãs, por quase quarenta anos, até a primeira edição de impacto internacional, em Língua Inglesa. Pesquisa e intervenção (sob condições adversas para os próprios pesquisadores) estiveram lado a lado, como afirmou mais tarde Marie Jahoda, mencionando a intenção não apenas de investigar o contexto de abandono e depressão, mas também de organizar e ajudar as famílias (Fleck, 2003, p. 12). Mas essas intenções estão claras já na Introdução da obra, quando Jahoda e colegas defendem um princípio ético de pesquisa: ninguém seria mero observador ou entrevistador, mas deveriam todos participar de alguma atividade de auxílio às cerca de 500 famílias atingidas pela crise e que compunham a quase totalidade da população (Jahoda *et al.*, 2003, p. 4–5).

A análise do impacto psicossocial do desemprego maciço sobre as famílias daquela localidade foi absolutamente inovadora para o pensamento sociológico e para a prática de pesquisa social da época (Jahoda *et al.*, 2003, p. 15). O estudo captou as múltiplas dimensões do fenômeno, que teve o efeito devastador de uma epidemia. Praticamente toda a população fora afetada. Na passagem do emprego ao desemprego, a par dos efeitos dramáticos – ainda que previsíveis – de depressão e deterioração das identidades, Jahoda e seus colegas captaram um impacto menos conhecido, que era a perda ou desestruturação da dimensão temporal no cotidiano dos operários desempregados. À medida que a pesquisa se prolongava e revelava as múltiplas faces de identidades deterioradas pela perda do trabalho, não apenas se vislumbrava a possibilidade de atuação solidária por parte dos pesquisadores; a rigor, aquele compromisso ético se impunha. Eram múltiplas as atividades, que iam da mobilização política à condução de exercícios físicos e atendimento ambulatorial para a comunidade (Jahoda *et al.*, 2003, p. 6–8). Eram igualmente múltiplas as condições de deterioração de identidades e vidas familiares. Jahoda e colegas detectaram – e classificaram em uma tipologia – algumas dimensões da crise identitária em uma centena de famílias e, mais tarde, ampliaram a cobertura amostral: os resilientes (*unbroken*, em inglês) constituíam pouco menos de 25% das unidades familiares; à maior parte delas reservava-se a categoria de *resignadas*; uma proporção

<sup>3</sup> O título é longuíssimo, dele só reproduzo a parte inicial, *Die Arbeitslosen von Marienthal, ein soziographischer Versuch...* (in Fleck, 2003, p. VIII).

menor caracterizava as famílias *desesperadas* e *desesperanças*. A desocupação, como crise psicológica que afetava também as crianças, preocupava os pesquisadores. Não somente na Áustria, mas em outras regiões, como na Itália, esse contexto dramático indicava uma situação ainda mais crítica do que a Grande Depressão nos Estados Unidos, lembra Lazarsfeld, em seu prefácio à primeira edição inglesa de *Marienthal* (Lazarsfeld, 2003, p. XXXI-XXXIII). Marie e coautores fecham o Capítulo 8 da obra com o título expressivo de "A perda da resiliência" (*Fading resilience*, no original), expressão utilizada pela psicologia social e clínica só recentemente, entre nós (Santos, 2003, *passim*): "Nós adentramos Marienthal como cientistas; nós a deixamos com um único desejo: que a trágica oportunidade desta pesquisa não se repita em nosso tempo"<sup>4</sup> (Jahoda *et al.*, 2003, p. 98, minha tradução).

A formação de Jahoda em ciências humanas, em Viena, com um recorte bastante psicológico e um treinamento consistente em métodos de pesquisa, deveu-se em boa parte à influência do casal Karl e Charlotte (Malachowski) Bühler, à frente do Instituto de Psicologia de Viena, e ao auxílio ou patrocínio da Fundação Rockefeller (Fleck, 2003, p. 21). Como afirmei, não é propriamente no campo da teoria sociológica que se destaca a reflexão de Marie Jahoda, mas naquilo que oferece ao cultivo e à prática da teorização – sua dedicação à pesquisa empírica sobre o emprego e o desemprego como categorias multifacetadas da experiência de vida; como dimensões ligadas, inextricavelmente, aos limites do que "é tolerável e intolerável" na condição humana (Jahoda, 1987, p. 32).

Esta combinação de diferentes insights e visões de mundo das ciências humanas – que constituíam o que Lazarsfeld veio a chamar de "psicologia econômica", com o foco sobre as condições de trabalho –, por certo não foi uma experiência única em seu tempo, nem sequer no espaço apenas europeu. Sabemos bem que a sensibilidade de Jahoda e dos companheiros e companheiras em relação à Sociologia e à Psicologia social lembraria, mais tarde, as preocupações e interesses – sobretudo a vocação – de intelectuais muito mais jovens que se tornaram ícones em seu próprio campo, talvez pelo esforço recompensado de teorização – que não era a preocupação primeira de Jahoda. Penso em Serge Moscovici, na França e, do outro lado do Atlântico, nas trajetórias de Goffman e Anselm Strauss, todos nascidos nos anos vinte. Eu não hesitaria em situar, ao lado dos teóricos-pesquisadores citados, o nome de Oracy Nogueira, da Escola de Sociologia e Política e da Universidade de São Paulo. Oracy, nascido em 1917 no Vale do Paraíba, foi, como Jahoda, antes um pesquisador do que um construtor de teorias; todavia nos legou, como ela, conceituações cruciais, tais como as que distinguem preconceito de marca e preconceito de origem (Cavalcanti, 1998). Aluno de Everett Hughes em Chicago, o paulista Oracy antecedeu, em sua obra sobre os tuberculosos de Campos de Jordão, de 1944, a preocupação sociopsicológica com os "ins-

titucionalizados" de todos os tipos, que projetaram a obra de Erving Goffman e o tornaram internacional. Por mais de meio século, a obra de Oracy Nogueira aguardou a publicação definitiva de sua dissertação sobre os *tísicos* que conheceu e estudou profundamente. Com circulação antes restrita a iniciados, em uma revista de sociologia há muito desaparecida, seu trabalho agora vem a público: *Vozes de Campos de Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar no Estado de São Paulo* (Nogueira, 2009), é sem favor nossa *Marienthal*. Aqui mesmo, em nossa periferia acadêmica de primeira classe.

Marie nos legou outras lições: entre elas, a humildade acadêmica, algo que hoje em dia soaria, para muitos jovens, como termos oximoros. Ela de fato desdenhava enclaves acadêmicos e erupções curriculares. Produziu poucos livros e artigos, mas seus textos foram sempre impactantes. Frequentemente produzia em coautoria, como afirmado. Mas sua identidade era forte, facilmente identificada nos trabalhos coletivos. Foi esse o caso de seu primeiro texto em colaboração, que vimos discutindo em algum detalhe. O estudo sobre *Marienthal*, nunca será demais reiterar, foi o primeiro conduzido na Europa sobre as consequências psicossociais do desemprego.

Nesse e em outros estudos, ainda que houvesse sempre colaboradores, a participação intelectual de Marie Jahoda foi decisiva. Seus livros e artigos sobre o preconceito – não apenas o antissemitismo, mas o preconceito e a discriminação como um fenômeno social total – estabeleceram um linha de continuidade, um projeto intelectual e pessoal de *public sociology*, muito antes da criação do termo por nossos colegas norte-americanos. Se pensarmos em termos correlatos da *Sociologia pública*, lembrariamos que a obra de Jahoda caracterizou uma ciência social *militante ou empenhada*. Movida por esta visão do mundo, ao chegar a Nova York, após o fim da Guerra Mundial, ligou-se ao grupo de Max Horkheimer – também um antigo refugiado – e a convite de quem escreveu, em parceria com um psicanalista norte-americano, um dos volumes sobre *Studies in Prejudice*, uma coleção de estudos sobre preconceito e discriminação. O título original – *Anti-semitism and emotional disorder* (Ackerman e Jahoda, 1950) – revelava a visão corrente sobre o antissemitismo em pleno *day-after* do holocausto: tratava-se de uma *doença* mental. Poucos anos depois, em 1954, a Editorial Paidós, de Buenos Aires, publicava o livro sob um título, digamos, mais portenho: *Psicoanálisis del antisemitismo*, em tradução de Julio Garber (Ackerman e Jahoda, 1954). No Capítulo III, ponto alto deste livro, apresenta-se a "psicodinâmica do antissemitismo" nos Estados Unidos, um texto esclarecedor sobre as predisposições emocionais contra o "outro diferente" e sobre as condições de (de)formação de uma consciência repressiva grupal. No Segundo Capítulo estão explicitadas as "considerações de ordem metodológica", uma constante em toda a obra.

Sua vocação pela análise sociológica baseada em sólida pesquisa empírica nunca se debilitou. A obra coletiva que Jahoda

<sup>4</sup> No texto em inglês: "We entered Marienthal as scientists; we leave it with only one desire: that the tragic opportunity for such an inquiry may not recur in our time".

da produziu com Claire Selltiz, Morton Deutsch e Stuart Cook, *Research Methods in Social Relations* (Selltiz *et al.*, 1951), em sucessivas edições e em vários idiomas, a partir de 1951, continua imbatível para guiar-nos na condução da pesquisa.<sup>5</sup> Em português, a obra *Métodos de pesquisa nas relações sociais* teve a tradução competente, em 1967, de Dante Moreira Leite, mestre e inspirador da Psicologia social no Brasil (Selltiz *et al.*, 1967). Aqui cabem algumas considerações sobre manuais de métodos e técnicas de pesquisa. Tais compêndios proliferam hoje em dia: razoáveis alguns, mal alicerçados outros; alguns notáveis; muitos autóctones, outros tantos estrangeiros, traduzidos ou não. Nossos alunos estão sempre atualizados e nos trazem as últimas fornadas. Eu sempre pondero que, em alguns títulos antigos, encontrarão materiais e métodos até hoje insuperados e talvez insuperáveis. Há resistências. Uma pena.

Lembro-me, a propósito, de antiga aluna de mestrado, que cheguei a orientar e que iria realizar uma pesquisa em uma favela carioca. Sugeriu que percorrêssemos, juntos, a leitura e discussão do texto-guia de Jahoda e colegas. Começamos pelos primeiros capítulos, até que ouvi dela a recusa peremptória a prosseguir, mais ou menos nos seguintes termos: "fiz um curso sobre epistemologia da ciência e sei que este texto é positivista [...]". Por meio dessa experiência – aliás, interrompida – de orientação acadêmica, eu estava de volta ao mesmo preconceito de minha geração, quando nossos toques ou vernizes epistemológicos nos afastavam de leituras fundamentais e nos tornavam pequenos diante de grandes textos.

Jahoda retornou à Europa no final da década de 1950, fixando-se na Inglaterra. A tensão entre a pesquisa e a necessária busca de explanação teórica ou de fundamentação conceitual obviamente não escapava a quem sempre revelou, como Jahoda, uma riqueza extraordinária na investigação empírica, de caráter sociológico e sociopsicológico. Talvez o enfrentamento de tal tensão tenha vindo na obra tardia – nunca será tarde! – publicada em 1982. Jahoda presenciou novos cenários de forte desemprego ainda no final de vida, dedicada ao trabalho acadêmico como pesquisadora da Universidade de Sussex. Sobre o cenário da pequena Marienthal se debruçou outra vez, já aposentada de suas funções acadêmicas, retomando suas ideias e realizando, a meu ver, um dos trabalhos mais sólidos sobre a Psicologia social do desemprego, aos 75 anos de idade. O título da obra, publicada na Inglaterra em 1982, é simples e incisivo: *Employment and unemployment: A socio-psychological analysis* (Jahoda, 1982). Foi sua obra de peso, sua aventura solo. Uma lição derradeira de uma grande intelectual militante das ciências humanas.

Nessa contribuição original, Marie Jahoda retoma a discussão dos efeitos do desemprego sobre a alma humana – identidade, estigma, perda dos referenciais do tempo social, perda de laços estáveis de sociabilidade, fatores, entre outros, que vão constituir o que chamava do "modelo da privação". Nesse livro, abordado sob o duplo ângulo da Sociologia e da Psicologia so-

cial, Jahoda resgatou as reflexões dos tempos da crise econômica de entre-guerras e da grande depressão nos Estados Unidos, descritas no estudo sobre Marienthal, situando-as no novo e devastador cenário das altas taxas de desemprego e exclusão social na Europa dos anos de 1980. É como se fechasse o livro da vida com o sal da desilusão, diante dos limites, tragicamente transpostos, sobre o que é tolerável e intolerável na condição humana.

## Referências

- ACKERMAN, N.W.; JAHODA, M. 1950. *Anti-Semitism and emotional disorder: A psychoanalytic interpretation*. New York, Harper, 170 p.
- ACKERMAN, N.W.; JAHODA, M. 1954. *Psicoanálisis del antisemitismo*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 237 p.
- CASTRO SANTOS, L.A. 2003. *O pensamento social no Brasil: pequenos estudos*. Campinas, Edicamp, 338 p.
- CAVALCANTI, M.L.V. de C. 1998. Apresentação. In: O. NOGUEIRA, *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo, Edusp, p. 9-19.
- FLECK, C. 2003. Introduction to the Transaction Edition. In: M. JAHODA; P.F. LAZARSFELD; H. ZEISEL, *Marienthal: The sociography of na unemployed community*. New Brunswick, Transaction Publishers, p. VII-XXX.
- GIDDENS, A. 2001. *Sociologia*. Porto Alegre, Artmed, 598 p.
- JAHODA, M. 1982. *Employment and unemployment: A socio-psychological analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, 148 p.
- JAHODA, M. 1987. *Empleo y desempleo: Un análisis sócio-psicológico*. Madrid, Ediciones Marata, 156 p.
- JAHODA, M.; LAZARSFELD, P.F.; ZEISEL, H. 2003. *Marienthal: The sociography of na unemployed community*. New Brunswick, Transaction Publishers, 128 p.
- KAPLAN, A. 1975. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo, EPU, 440 p.
- LAZARSFELD, P.F. 2003. Forty years later. In: M. JAHODA; P.F. LAZARSFELD; H. ZEISEL, *Marienthal: The sociography of na unemployed community*. New Brunswick, Transaction Publishers, p. XXXI-XL.
- MULLER, R. 2008. *An unemployed community – Marienthal (The Marienthal study)*. Archives for the History of Sociology in Austria. Disponível em: <http://agso.uni-graz.at/marienthal/english/study/study0.htm>. Acesso em: 13/05/2009.
- NOGUEIRA, O. 2009. *Voices de Campos de Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 274 p.
- SANTOS, M.E.R. dos. 2003. *Crianças e doença crônica: a vida possível*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 260 p.
- SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. 1951. *Research Methods in Social Relations*. New York, Henry Holt, 631 p.
- SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. 1967. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, Ed. Herder e Edusp, 688 p.
- TORREGROSA PERES, J.R. 1987. Prólogo a la edición española. In: M. JAHODA, *Empleo y desempleo: Un análisis sócio-psicológico*. Madrid, Ediciones Marata, 156 p.

Submetido em: 31/07/2009

Aceito em: 04/09/2009

<sup>5</sup> A não ser que pensemos em um texto mais voltado para a sofisticação dos métodos quantitativos, ou para a análise quantitativa dos dados, que passaram por enorme progresso em décadas recentes.